

O Território Midiático como instrumento interdisciplinar de estudos na comunicação¹

Gilson Arão JÚLIO NETO²
Vanrochris Helbert VIEIRA³

RESUMO: O território midiático começou a integrar de forma diferente as relações sociais com o advento da web 3.0, cenário propício para que houvesse uma mudança nos processos comunicacionais entre os indivíduos. Essa mudança trouxe a manifestação de práticas sociais e culturais nas redes sociais. Dessa forma, este artigo apresenta instrumentos teóricos acerca dos conceitos território e midiatização. Objetivase com este estudo apresentar uma proposta de estudos interdisciplinares na comunicação, sob a perspectiva do Grupo de Estudos em Territórios Midiáticos da Universidade Vale do Rio Doce. Este estudo assume a metodologia de pesquisa bibliográfica, a partir dos autores Haesbaert (1999, 2004), McLuhan (1996), Fausto Neto (2006), tendo em vista o desafio de integrar a comunicação na territorialidade numa perspectiva interdisciplinar.

PALAVRAS-CHAVE: Território-rede; Reterritorialização; Comunicação; Grupo de Estudos; Interdisciplinaridade;

1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo apresentar o conceito de território integrado à perspectiva de midiatização da sociedade para, a partir desses conceitos, possamos explorar a interdisciplinaridade do conhecimento de comunicação. O objeto empírico está situado no âmbito das discussões do Grupo de Estudos em Territórios Midiáticos (Mid) da Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE), universidade que também abriga um programa de pós-graduação *stricto sensu* em Gestão Integrado do Território.

Os Eventos científicos e a divulgação de pesquisas neste campo motivaram a inserção da temática no curso de Jornalismo, evidenciando a importância da indissociabilidade entre a pesquisa e o ensino na graduação, sobretudo por meio do incentivo ao desenvolvimento de trabalhos de iniciação científica.

¹Trabalho apresentado no IJ 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 07 a 09 de junho de 2018.

² Estudante de graduação do 7º semestre do Curso de Comunicação Social – Habilitação Jornalismo da Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE. Bolsista de iniciação científica pela FAPEMIG. E-mail: gilson-arao96@hotmail.com.

³ Professor dos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda da Universidade Vale do Rio Doce, coordenador do MID, doutorando em Ciências Humanas pela UFSC. E-mail: vanrochris@gmail.com.

A Comunicação, nesse sentido, pode ser entendida a partir dos conceitos territoriais, por sua importância simbólica e prática nos processos de territorialização. Balizado, portanto, em referencial teórico nos campos do território e da comunicação.

O Mid tem buscado formar um arcabouço teórico-conceitual interdisciplinar que estabeleça o diálogo entre obras de ambas as áreas, a fim de fornecer subsídios para estudos empíricos.

Historicamente, perpetuou-se no território acadêmico o discurso homogêneo evocado por alguns setores de que o espaço inerente ao pensamento epistêmico era realizado pelos estudantes que se destacavam nos processos de iniciação científica.

Esse é um fato que, de certa forma, contribui para o distanciamento dos demais alunos de graduação da possibilidade de conhecer esses conceitos, de se apropriar deles e de pensar a graduação para além da universidade.

Com a implantação desse grupo de estudos, os sujeitos participantes têm se apropriado de vários conceitos e a, partir deles, realizam discussões interdisciplinares entre si durante os encontros. Visto que a figura do professor no grupo de estudos se constitui como agente mediador das discussões, em que são adotadas as práticas de apresentar o texto do encontro, tecer reflexões, comentários e apontamentos com os demais participantes, ocorrendo uma ampla difusão do conhecimento de caráter democrática.

Após contextualizarmos o objeto deste estudo, recorreremos à revisão bibliográfica dos autores que discorrem sobre o território. Conceituar o território se constitui como uma seção deste trabalho, a partir das contribuições de Haesbaert (2002, 2004), a partir da qual é possível vislumbrar a atualização do significado do conceito “território”, que, com o decorrer dos anos, foi sofrendo mudanças significativas por parte de alguns autores do campo da geografia humana.

Dessa forma, indaga-se a relação dos indivíduos sociais com os meios de comunicação, inseridos em um território híbrido.

Com o advento da web 3.0⁴, rumo a uma possível web 4.0, pesquisadores de toda dimensão geográfica, mobilizam-se para compreender a questão da midiatização

⁴ A Web 3.0 constitui o movimento em que as redes sociais se evidenciam de maneira intensa nos territórios sociais. Esta etapa da rede digital nos permite recordar o aniversário de alguém, acessar livros, produtos e serviços. Além do mais, todas as informações que fornecemos neste ambiente, transformam-se em algoritmo que analisa os dados e é capaz de recomendar serviços e produtos, tudo nesta rede se filtra como análise e pesquisa para construção de nichos sociais, direcionados para fins estratégicos.

que consequentemente tem se firmado em nossa sociedade, tanto no âmbito nacional, como internacional, como objeto fundamental para o trabalho dos pesquisadores que atuam na área da comunicação.

Dedica-se a segunda seção deste trabalho para se discutir a existência deste fenômeno social conhecido como midiatização, considerando o esforço de pesquisadores da comunicação de se observar este fenômeno a partir do conceito embrionário de “Aldeia Global”, criado na década de 1960 por McLuhan (1996), em que ele defende os meios de comunicação como extensão do homem e estando diretamente relacionado com o conceito de globalização, que corresponde a uma nova visão do mundo possível através do desenvolvimento das modernas tecnologias de comunicação.

Também recorreremos às contribuições de Fausto Neto (2006), que conceitua a midiatização como instrumento de processo social.

Acreditamos na hipótese de que as redes sociais na contemporaneidade são uma extensão do homem e que o espaço definido neste trabalho como território midiático em que os discursos tencionam as relações sociais, culturais e política favorece uma formação de novos sujeitos sociais (formadores de opinião, influenciadores digitais), que estão inseridos nesse território midiatizado.

O questionário central deste capítulo se vincula acerca dos múltiplos territórios nos quais os seres humanos estão inseridos ainda que de maneira física ou virtual.

Por último, após a teorização dos conceitos de território e midiatização, ambos citados anteriormente, apresentamos na terceira seção deste trabalho a proposta da integração da interdisciplinaridade na comunicação.

PENSANDO O TERRITÓRIO

Os estudos relacionados ao conceito de território em voga no Brasil na década de 1970 eram embrionários e diziam respeito à demarcação da terra, no entanto, este significado se perpetuou por um longo período e atualmente vem sendo explorado de forma humanizada e em contextos sociais.

A utilização do termo território se concebe numa perspectiva material (associada às evocações da década de 1970) e imaterial (atribuído a questões humanísticas e sociais contemporâneas). Segundo Haesbaert (1999), foi a partir da transição para o século XXI

que houve uma evolução no desenvolvimento dos estudos teóricos sobre o território numa perspectiva imaterial.

Esta vertente da Geografia é compreendida como uma ciência que se aplica ao estudo humanístico e à descrição da interação entre a sociedade e o espaço. Essa vertente também possibilita ao indivíduo a sua compreensão acerca do espaço em que vive e o espaço geográfico. Pode-se compreender o objeto da geografia humana como sendo a leitura crítica das suas ações, seus usos e transformações.

As afinidades entre a Comunicação e a Geografia têm se estreitado em função de dois fatores, que estão ligados ao contexto comunicacional. Por meio de uma perspectiva específica da Comunicação, observa-se a velocidade do aprimoramento tecnológico dos meios midiáticos, que culminou no multiplicar das mídias com o advento das mídias digitais que estão interconectadas em rede.

Na Geografia, esse fato possibilitou o olhar de estudiosos para a questão da espacialidade, pela evidência que ganharam os espaços virtuais, que têm se formado independentemente de qualquer proximidade física.

O território, para Haesbaert (2004), é pensado como o espaço e o tempo vividos. Para ele, “o território é uma construção histórica e social, um híbrido, pois é constituído tanto pela produção material, quanto pela apropriação do espaço em termos imateriais na produção de identidade, subjetividade e simbolismos com certo lugar” (HAESBAERT, 2004, p. 4).

Para explicitar o que dissemos na introdução deste artigo, o autor explica o surgimento do conceito e explica também as facetas do seu significado que se concebe no materialismo e no simbólico, sendo assim:

Desde a origem, o território nasce com uma dupla conotação, material e simbólica, pois etimologicamente aparece tão próximo de terra-território quanto de terreo-terror (terror, aterrorizar), ou seja, tem a ver com dominação (jurídico-política) da terra e com a inspiração do terror, do medo – especialmente para aqueles que, com essa dominação, ficam alijados da terra, ou no território são impedidos de entrar. (HAESBAERT, 2004 p. 1)

O território, para aqueles que possuem a oportunidade de habitá-lo, possui uma espécie de extensão que propicia a inspiração de uma identidade que se estabelece como positiva, e a partir dela surge a possibilidade da apropriação que se efetiva.

Dessa forma, segundo Haesbaert (2004), o território pode ser definido como instrumento de poder, porém não apenas o poder que surge de relações políticas, o

conceito se amplia e se estabiliza na forma de domínio, integrando práticas de apropriação. A questão inerente às relações sobre o poder político estatal é defendida e vislumbrada pelo teórico também geógrafo Claude Raffestin.

Haesbaert (1999) prossegue definindo o termo territorialização como um processo de reorganização social, no qual os diversos membros de determinada comunidade, conectados com outros territórios, não só vivenciam experiências, como novas categorias são criadas ou transformadas no seu interior, reorganizando a partir daí seu espaço social, cultural e político.

Esse novo modelo de (re)organização social possibilita que os lugares sejam compostos de experiências locais e mundiais, a partir disso, novas territorialidades podem ser construídas, como síntese das novas experiências.

Desse modo, o território se constitui pela interação de territórios-rede, onde se cruzam as diversas manifestações territoriais. Esse cruzamento, no entanto, não elimina a particularidade de cada território, ele apenas vai se fundamentar sob novos patamares, e a sua abordagem se torna cada vez mais variada pela multiplicidade de significações.

Assim, pode-se pensar na hibridização das relações humanas, cenário em que a conexão dos sujeitos sociais emerge num ecossistema comunicativo midiático. Pode-se pensar na apropriação desse território rede habitado frequentemente pelo público jovem e não sendo taxativo diríamos que se apropriam desses territórios aqueles que não estavam tão próximos da cultura digital vigente.

A criação desse ecossistema comunicativo integrou a necessidade da aceção de indivíduos não familiarizada com a evidência dos smartphones, tablets e demais aparatos tecnológicos.

Neste sentido, é possível considerar que a rede pode ser um elemento constituinte do território, pois ela possui duplo caráter sendo o de territorializador, que explicamos anteriormente, e o desterritorializador. Ambos não anulam o território, de acordo com o autor.

A característica mais importante das redes é seu efeito concomitantemente territorializador e desterritorializador, o que faz com que os fluxos que por elas circulam tenham um efeito que pode ser ora de sustentação, mais 'interno' ou construtor de territórios, ora de desestruturação, mais 'externo' ou desarticulador de territórios. (HAESBAERT, 2004, p. 294)

O território que estamos percorrendo também se constitui nas redes. Ele consiste acerca do caráter móvel, sobretudo na realidade em que vivemos demarcada instantaneamente pela evolução vertiginosa dos sistemas da informação e comunicação, que se (re)conectam e ao mesmo tempo, (des)conectam território. Pois nem todos fazem parte desse ambiente virtual.

No conceito território-rede, Haesbaert (2004) amplia a definição deste ao evocar que o processo de reterritorialização que acontece nas redes digitais na contemporaneidade se difunde de maneira rizomática⁵, ou seja, que nesse território-rede, ela, a reterritorialização, difunde-se de muitas maneiras. “A esta reterritorialização complexa, em rede e com fortes conotações rizomáticas, ou seja, não hierárquicas, é que damos o nome de multiterritorialidade” (HAESBAERT, 2004, p. 343).

Essa multiterritorialidade, cunhada pelo autor, pode ser entendida como forma de processo ou ação, que possibilita o acesso ou a conexão do indivíduo em um mesmo local, e, ao mesmo tempo, a diversos outros territórios, sobre essa conexão do indivíduo, que muito nos interessa. Ele alega que:

Este contato pode se estabelecer através de uma mobilidade concreta, no sentido de um deslocamento físico, quanto ‘virtual’, no sentido de acionar diferentes territorialidades mesmo sem deslocamento físico, como nas novas experiências espaço-temporais proporcionadas através do ciberespaço. (HAESBAERT, 2004, p. 343-44)

Paralelamente, essa experiência do indivíduo com o território-rede se concebe numa perspectiva multiterritorial, conforme Haesbaert (2004), que nos explica que a experiência vivenciada pelo indivíduo inclui algumas dimensões tal como a dimensão tecnológica, que está relacionada ao ciberespaço⁶ e que promove por meio de uma forma seletiva a densidade informacional do espaço. O ciberespaço para além da junção de computadores ou máquinas por atributos físicos, como telas, fios, cabos e sinais de internet, contribui para a virtualização do sujeito que ocupa a viagem daquele que vivencia os fluxos de informação impulsionados pela contemporaneidade.

⁵ O rizoma é compreendido por muitos estudiosos como a teoria do caule em forma de raiz. Os filósofos Deleuze e Guattari foram os teóricos que definiram este método. Para eles, o rizoma ilustra a estrutura do conhecimento como uma raiz que origina múltiplos ramos, sem respeitar uma subordinação hierárquica.

⁶ Ciberespaço pode ser definido como um espaço (não físico) que possui a grande concentração de tecnologia avançada. Este termo foi idealizado por William Gibson, que se refere a um espaço virtual composto por cada computador e usuário que esteja conectado em uma rede mundial.

A dimensão simbólica, diferentemente da tecnológica, está relacionada à territorialização material e imaterial, ou seja, no território-rede, o indivíduo se (re)territorializa exportando nesses espaços, suas crenças, ideologias, modos de vida.

A dimensão da imprevisibilidade está presente no ciberespaço em função dos contatos globais se mostrarem em tempo real e, este, ser um fator explorado pelos estudiosos desse fenômeno como mecanismo de adesão deles a aproximação desses contatos (famosos, celebridades, artistas, cantores, influenciadores digitais).

Por último, o autor justifica a dimensão do movimento, nela, todos os acontecimentos emergidos no ciberespaço podem estar relacionados à construção das identidades neste território-rede.

Dessa forma, nesta seção, foi possível explorarmos o conceito de território, proposto intencionalmente, para que se evidenciasse o aspecto em que este se configura. O hibridismo do território defendido pelo autor Haesbaert (2004) possibilitou refletirmos a aplicação do território no ciberespaço.

A junção do território no ciberespaço pôde ser mantida neste estudo devido sua inserção no contexto da multiterritorialidade em que possibilita ao indivíduo sua conexão em múltiplos lugares ao mesmo tempo.

Portanto, foi possível refletir sobre a interação do indivíduo inserido neste território-rede em que este começa a vivenciar suas práticas culturais físicas e virtuais inerentes aos processos sociais da sociedade que estão em contexto de mediação.

DO TERRITÓRIO-REDE À MEDIATEZAÇÃO

Visando estabelecer uma linha de raciocínio eficaz e cronológica acerca dos últimos conceitos abordados neste trabalho, para integrar as questões da mediação contemporânea abordaremos a percepção de McLuhan (1996), teórico do campo da comunicação, desenvolvedor de estudos embrionários que são relevantes para se compreender o que se passa no mundo hoje. Este defendia a premissa de que os meios de comunicação se situam como extensões do ser humano.

Anteriormente conceituamos a hibridização do território. Dessa forma, podemos pensar que há também uma hibridização pensada e produzida com reflexos voltados para a comunicação. Acerca da existência desta hibridização na comunicação, podemos

exemplificar a inserção dela nos meios mais atuais, McLuhan (1996) cita como exemplo em sua teoria a luz elétrica, que aboliu as fronteiras entre noite e dia.

Em sua teoria, logo que a luz adquire contato com o organismo humano, “ela por si só, libera uma energia que ele a nomeia de híbrida” (MCLUHAN, 1996, p. 68). Dessa forma, o autor cita exemplos tais como: automóveis que realizam viagens com o escuro, eventos podem ser realizados durante a noite. “Numa palavra, a mensagem da luz elétrica é a mudança total. É a informação pura, sem qualquer conteúdo que restrinja sua força transformadora e informativa” (MCLUHAN, 1996, p. 71).

Em sua obra “Os meios de comunicação como extensão do homem”, McLuhan explica que

[...] os meios, como extensões de nossos sentidos, estabelecem novos índices relacionais, não apenas entre os nossos sentidos particulares, como também entre si, na medida em que se inter-relacionam. O rádio alterou a forma das histórias noticiosas, bem como a imagem fílmica, com o advento do sonoro. A televisão provocou mudanças drásticas na programação do rádio e na forma das radionovelas. (MCLUHAN, 1996, p. 72)

McLuhan (1996) não conceitua os exemplos que ele cita qualificando-os como mediatização. No entanto, é possível visualizar que ele pensou além do seu tempo, pois seus estudos e comparações apontaram vícios que vivenciamos na contemporaneidade. Principalmente com o advento da sociedade em rede⁷.

Dessa forma, o início da era da Internet na década de noventa permitiu uma nova forma de se viver na sociedade, por meio da compressão do espaço-tempo cunhado por Castells (1999), bem como o conhecimento das informações em tempo real e cujo sistema foi quem ditou como seria a forma de acesso aos demais meios de comunicação.

A internet é cada vez mais usada para acessar os meios de comunicação de massa (televisão, rádio, jornais), bem como qualquer forma de produto cultural ou informativo digitalizado (filmes, música, revistas, livros, artigos de jornais, bases de dados). A internet já transformou a televisão. (CASTELLS, 1999, p. 11)

A sociedade em rede representa muito do caráter e da cultura dos indivíduos inseridos nela. O conceito dela aparece nas preocupações do pensador canadense, em que ele a configura como aldeia global em estudos abrangentes.

⁷ A sociedade em rede é uma terminologia criada por Castells (1999) para expressar uma sociedade que está conectada como nós que formam redes.

Um dos aspectos principais da era elétrica é que ela estabelece uma rede global que tem muito do caráter de nosso sistema nervoso central. Nosso sistema nervoso central não é apenas uma rede elétrica; constitui um campo único e unificado da experiência. (MCLUHAN, 1996, p. 390)

Naquela ocasião, década de 1960, a preocupação acerca da extensão destes conglomerados de mídia (rádio e televisão) nas relações humanas eram discutidas sob a égide da consolidação de uma aldeia global na sociedade, no entanto, este pensamento se sustentou nas últimas décadas por meio da evolução acirrada desses meios que proporcionou a midiatização da sociedade, e a migração da sociedade para a rede. Esse cenário se consolida como uma cortina de assuntos que tematizam os encontros quinzenais do Grupo de Estudos em Territórios Midiáticos.

Haesbaert (2004) discorreu sobre a multiterritorialidade como instrumento integrador do indivíduo ao espaço que se (re)configurou com esse avanço tecnológico. McLuhan (1996) interpretou este fenômeno anteriormente sendo “as extensões do ser humano nas redes”. Se analisarmos de maneira inversa ambos os autores retratam a sociedade em rede – poderíamos dizer até que particularmente Haesbaert (2004) se firmou no ciberespaço para mostrar como o território se relaciona acerca do processo social no qual estamos todos inseridos.

Território e mídia estão integrados numa mesma perspectiva, pelo motivo da existência do ciberespaço que reconstruiu as formas de se relacionar socialmente entre os indivíduos. A transição para a sociedade em rede emergiu sentidos, significados e práticas sociais nas redes digitais, realidade defendida por Fausto Neto (2006).

Para Fausto Neto (2006), a midiatização se constitui como uma nova forma de organização social, esta realidade também é cunhada por Haesbaert (2004) em que por meio do território-rede, esse também reconhece que as relações se (re)organizam nele, no caso o ciberespaço. No entanto, observa-se uma semelhança acerca da interpretação da existência desse fenômeno social por ambos autores. Sabe-se que a midiatização afeta e é afetada por outros campos sociais por meio das práticas sociais, uma vez que contempla dispositivos e operações que se apresentam de maneira material e/ou imaterial, com diferentes linguagens.

É possível que se analise o contexto social em que estamos inseridos, acerca do processo de midiatização que tem afetado os processos de produção e recepção do

discurso midiático, pois ele se organiza com base em novas tecnologias, novas linguagens midiáticas, novos protocolos de comunicação que afetam campos sociais.

No caso refletido, acerca do processo de midiatização do território, possibilitou a percepção de novas ambiências, novas formas de enxergar a exploração da comunicação nos territórios e a maneira como os indivíduos se apropriam/se territorializam dela/nela. Dessa forma, a midiatização é explicada por Fausto Neto (2006) como um novo bios

que produz de fato a afetação das formas da vida tradicionais por uma qualificação de natureza informacional – tecnologia societal cuja inclinação no sentido de configurar discursivamente o funcionamento social em função de vetores mercadológicos e tecnológicos é caracterizada por uma prevalência da forma sobre conteúdos semânticos. (FAUSTO NETO, 2006 p. 9)

Conclui-se que os autores visitados para o arcabouço teórico deste trabalho, em tempos diferentes, dialogam entre si sob dimensões temporais e sociais acerca dos processos de midiatização da sociedade. Também foi possível verificar que os autores mantiveram olhares atentos sobre os processos de transformação da sociedade na evolução tecnológica e a reação dos meios com base nestas mudanças que afetaram o mundo do conhecimento. Há um campo que aparenta não situar limites para a busca da compreensão deste fenômeno social tal qual entendido como midiatização da comunicação.

Assim como os autores conseguiram discorrer sobre este fenômeno, cada qual a sua maneira, acredita-se que a interdisciplinaridade pode significar um ganho expressivo para as áreas do conhecimento, pois demonstra a percepção de problemas sociais sob diferentes olhares, sob diferentes perspectivas e que dessa forma contribui para resultados que dependem muitas vezes de dimensões temporais e sociais. No caso deste trabalho, temos McLuhan (1996) se mobilizando para buscar respostas sobre a recepção da mídia, Castells (1999) para a sociedade em rede, Haesbaert (1999) sobre o território no ciberespaço, Fausto Neto (2006) com a midiatização da sociedade, suas práticas e processos sociais.

Assim pretendemos realizar a proposta da interdisciplinaridade na comunicação por meio de instrumentos teóricos e empíricos como o Grupo de Estudos temático sobre territórios midiáticos na Universidade Vale do Rio Doce.

A INTERDISCIPLINARIDADE NA COMUNICAÇÃO COM O TERRITÓRIO MIDIÁTICO

Ao utilizarmos abordagem dos estudos territoriais no Grupo de Estudos em Território Midiático, inicialmente nosso foco esteve desvelado para a interdisciplinaridade, tendo em vista o Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* da Universidade Vale do Rio Doce que concentra abordagem desse estudo. Dessa forma, procuramos partir para além dos estudos territoriais, do espaço geográfico do território (integrando as contribuições da hibridização do território), partindo para a discussão das relações sobre a mídia, e o processo de midiatização decorrente na sociedade, construídas com a sociedade de rede.

Como temos o exemplo do capítulo anterior a proposta da interdisciplinaridade se manifesta como uma necessidade teórico-metodológica nos dias atuais. Trata-se de uma abordagem que oportuniza novos olhares para o pesquisador sobre a natureza, o sujeito, o conhecimento, as relações e a realidade.

Assim como os estudos sobre o território na mesma década, foi a partir dos anos 1970 que se configurou uma nova concepção da interdisciplinaridade que se constituiu em uma epistemologia do pensamento ocidental, procurando manter o esforço da compreensão da contemporaneidade e sua relação com a ciência, na intenção de superar a fragmentação em saberes existentes por meio de disciplinas, propondo repensá-la como conhecimento.

Não podemos generalizar uma concepção de interdisciplinaridade, basicamente, existe um consenso por meio de seus teóricos, que se baseia na necessidade de aprimorar a relação dos sentidos existentes em um conhecimento, possibilitando a compreensão de múltiplos saberes que estejam de mãos dadas

O conceito de interdisciplinaridade fica mais claro quando se considera o fato trivial de que todo conhecimento mantém um diálogo permanente como os outros conhecimentos, que pode ser de questionamento, de confirmação, de complementação, de negação, de ampliação. (BRASIL, 1999, p. 88)

Como foi visto anteriormente, a preocupação interdisciplinar não é um fenômeno recente. Na atualidade, a área da midiatização da sociedade se revelou tão importante para repensarmos o território midiático na prática e na teoria, levando-se em

conta as suas implicações mútuas, seus valores, seus fins e motivações para a constituição das relações sociais.

Segundo Furlanetto (1998), "o conhecimento interdisciplinar pode ser concebido como um novo conhecimento, que se forma a partir das bordas e não no centro" (FURLANETTO, 1998, p. 26). A consolidação de um conhecimento que possua fronteiras se concebe a partir das permeabilidades que existem entre os territórios e estanques que separam as disciplinas, mas que ao se encontrarem permitem a existência de novas relações de sentidos e significados.

Sendo assim, podemos pensar a relação da comunicação com a saúde. Há pouco espaço para discussão nas editoriais que encarem o campo da saúde como fonte propagadora de prevenção por meio da informação. Assim acontece com o Jornalismo Científico em que apenas um grupo está contemplado com esses estudos. Dessa forma, é preciso que decodifique os resultados para percepção do público. Ou seja, a vinculação do jornalismo e a saúde é atributo da interdisciplinaridade e é uma forma de integrá-la à área da comunicação, assim como outras temáticas transversais.

À GUIA DE CONCLUSÃO

Por meio da teorização dos respectivos conceitos, percebemos a imbricação deles com o andamento da sociedade. Pesquisadores têm se atentado na busca para compreender este fenômeno que tem modificado um dia após o outro. Como objeto empírico, temos o exemplo do Grupo de Estudos que foi uma ideia que se fortaleceu e de fato tem feito alunos se apropriarem das discussões para além das questões sobre o território, mas procurando despertar o senso da interdisciplinaridade ao discutir temas e disciplinas de áreas do conhecimento.

A integração da interdisciplinaridade na comunicação é possível, para que mais temáticas sejam discutidas como houve o esforço de se discutir esta. Neste trabalho discutiu-se campos opostos e com significados particulares, mas que não se fecharam com as mudanças sociais, como a temática da midiatização e do território e obtivemos como resultado que ambos conceitos discutiam conjuntamente entre si acerca do conceito do ciberespaço como integração para a sociedade em rede.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: matemática*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. 14ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. I.

FAUSTO NETO, Antônio. *Midiatização: prática social, prática de sentido*. In: ENCONTRO REDE PROSUL: comunicação, sociedade e sentido, 2006. Anais. São Leopoldo: Unisinos, PPGCC, 2006.

FURLANETTO, E. C. A prática interdisciplinar: educação e formação. *Revista do Congresso de Educação Continuada*, Taubaté: SP, 1998, p. 37-40. _____. International Studies on Law and Education. CEMOrOcFeusp / IJI-Univ. do Porto, 2011. p. 47-54.

HAESBAERT, Rogério. *Identidades territoriais*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999.

HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à Multiterritorialidade*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2004.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 1996.